

DEPÓSITOS DE ÁGUAS PROFUNDAS DA FM. CERRO TORO, CRETÁCEO, EM TORRES DEL PAINE, CHILE.

Carlos Jorge de Abreu (UFRJ/IGEO); Ciro Jorge Appi (PETROBRAS/CENPES); Karine Silva Glória (UFRJ/IGEO); Adriano Roessler Viana (Petrobrás); Fernanda Guillard da Silva (UFRJ/IGEO)

A produção de petróleo em depósitos sedimentares de águas profundas tem aumentado enormemente nas últimas décadas, tanto em bacias brasileiras, quanto em outras partes do mundo. Por isso, cada vez mais aumenta-se o interesse em compreender os modelos deposicionais, seja em afloramentos, em sísmica de alta resolução em subsuperfície, seja em experimentos de laboratórios.

Seguindo esta linha de pesquisa, o GEDAP – Grupo de Estudos de Depósitos de Águas Profundas, do Departamento de Geologia da UFRJ, está desenvolvendo trabalhos de interesse da Petrobrás também, na bacia de Magalhães, com financiamento da FINEP/PETROBRAS, dentro do programa CTPETRO.

A bacia de Magalhães, do tipo *foreland*, está situada ao

sul do Chile e Argentina e possui um preenchimento sedimentar terrígeno e vulcanoclástico superior a 6000 metros de espessura, com idades que variam do Jurássico ao Terciário. A origem da bacia está inicialmente ligada à orogenia gondiânica do Permo-Triássico e, posteriormente, à evolução da cadeia andina no Cretáceo Inferior.

A Fm. Cerro Toro, constituída essencialmente de folhelhos, arenitos e conglomerados depositados no Cenomaniano-Campaniano constitui o alvo principal de pesquisa, por representar um análogo de sistema deposicional de águas profundas. Os afloramentos são excelentes e possibilitam a visualização 3D de diferentes associações de fácies.

Os autores agradecem a FINEP e PETROBRAS pela oportunidade de publicar este resumo.

PALEOGEOGRAFIA DO GRUPO CAACUPÉ (ORDOVICIANO DO PARAGUAI ORIENTAL) E O INÍCIO DA BACIA DO PARANÁ

R. Paes-de-Almeida¹, C. Riccomini¹, L. Janikian², A. R. S. Fragoso-Cesar¹, V.F. Velázquez³

¹ Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo ² bolsista FAPESP; Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo -FAPESP- processos 00/07510-4, 00/11089-2, 01/01439-9 e 97/00176-7

O Grupo Caacupé é considerado como a primeira unidade da Bacia do Paraná, anterior à glaciação Llandoveryana registrada na Formação Iapó (Brasil) e possivelmente correlata à Formação Alto Garças no Brasil. A unidade aflora principalmente nos altos estruturais no entorno dos *grabens* cenozóicos de Assunção e Ipacará, porção central do Paraguai Oriental. Levantamentos estratigráficos acompanhados por análises de fácies sedimentares realizados nas principais exposições da unidade, principalmente nas escarpas da Cordilheira de Los Altos, permitiram a interpretação de um quadro paleogeográfico com importantes implicações para o entendimento do primeiro ciclo de subsidência da Bacia do Paraná. Do ponto de vista litoestratigráfico o Grupo Caacupé pode ser dividido em uma formação conglomerática inferior, com espessura de até 30 metros (Formação Paraguari), e uma formação arenítica sobreposta, com espessura de várias centenas de metros, para a qual sugerimos a retomada do termo prioritário Formação Piribebui (Harrington 1950, *Geología del Paraguay Oriental*). A Formação Paraguari é caracterizada por conglomerados com seixos arredondados compostos por quartzo de veio e quartzo, além de arenitos grossos conglomeráticos feldspáticos. As principais fácies desta unidade são conglomerados maciços a estratificados, sustentados por seixos imbricados pelo plano AB, conglomerados com estratificação cruzada tabular e arenitos grossos com estratificação cruzada tabular e seixos esparsos. As paleocorrentes medidas nas fácies com estratificação cruzada revelam paleofluxo para oeste. A Formação Piribebui caracteriza-se pelo predomínio de camadas decimétricas lenticulares de arenitos finos felds-

páticos com estratificações cruzadas tabulares e superfícies de reativação e lâminas argilosas nos estratos frontais, localmente preservando ciclicidade na forma de pares de lama (*tidal bundles*). Localmente ocorrem estruturas geradas por fluxo oscilatório, como estratificações cruzadas tipo *hummocky* e *swaley*. Camadas milimétricas a centimétricas de pelitos muitas vezes separam as camadas de arenitos. Uma abundante icnofauna foi reconhecida nesta unidade atribuível às icnofácies *cruziana* (*Cruziana*, *Rusophycus*, *Monomorphycus*, *Thalassinoides*? e *Rhizocorallium*?) e *skolithos* (*Monocraterion* e *Skolithos*). O conjunto das fácies identificadas na Formação Piribebui sugere um ambiente de face litorânea dominada por correntes de marés. Paleocorrentes para NW sugerem o domínio de correntes de vazante. A hipótese vigente de que o Grupo Caacupé teria sido formado em uma bacia distensional ou transtrativa baseia-se, em grande medida, na interpretação de um ambiente de leques aluviais para a Formação Paraguari, relacionado a possíveis falhas proximais que seriam responsáveis pelas formas alongadas dos mapas de isópacas. As características dos conglomerados não são, porém, compatíveis com as de depósitos de leques aluviais, pois predominam fácies de correntes trativas e não há contribuição clástica proximal. Assim, não há evidências de campo que suportem a suposição de escarpas tectônicas limitando a bacia. Desta forma, a paleogeografia interpretada para a Formação Paraguari é de uma planície de rios entrelaçados relacionada a uma ampla bacia de drenagem, sugerindo sedimentação intracratônica em uma grande área de subsidência, possivelmente a primeira sinéclise da Bacia do Paraná.